

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-180307-DO0718>

MICROPOLÍTICAS DE EXPANSÃO DO PORTUGUÊS: MÃES GERENCIADORAS E DIFUSORAS DE LÍNGUAS

Tatiana Martins Gabas*

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Estudos da Linguagem

Campinas, SP, Brasil

Resumo: A inserção do Brasil na rota das migrações internacionais tem consolidado o português brasileiro como língua transnacional. Tradicionalmente, tem-se discutido a expansão do português com relação às ações macro de políticas linguísticas (ZOPPI-FONTANA, 2009; DA COSTA; CARVALHO; SCHLATTER, 2011; OLIVEIRA, 2013, entre outros). Sob outra perspectiva, este artigo busca, amparado pelos preceitos da Linguística Aplicada (trans/in)disciplinar, discutir ações micropolíticas de promoção do português brasileiro estabelecidas por agentes não oficiais: famílias sul-coreanas transnacionais. Para tanto, são analisados excertos de entrevistas semiestruturadas realizadas com duas mães pertencentes à comunidade sul-coreana localizada na Região Metropolitana de Campinas. O estudo é de natureza qualitativa-interpretativa, tendo sido os excertos analisados, principalmente, com base no conceito de representação (HALL, 1997) e de gerenciamento linguístico (SPOLSKY, 2009). A análise demonstra que as mães-gerenciadoras buscam maneiras ecológicas de desestabilizar a hierarquia da língua inglesa de modo a fortalecer o português nas políticas linguísticas familiares.

Palavras-chave: Migração transnacional. Português. Gerenciamento linguístico. Política linguística. Família.

1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, autores têm discutido a expansão do português brasileiro no contexto transnacional focalizando, sobretudo, ações macro de políticas linguísticas. Essas discussões giram, quase sempre, em torno da inserção e da circulação do português no cenário mundial como resultado de gestos institucionais atravessados por políticas externas e de mercado (ZOPPI-FONTANA, 2009); da assinatura de diversos tratados de cooperação educacionais, científicos e tecnológicos entre países (DA COSTA CARVALHO; SCHLATTER, 2011); da oficialidade do português em estatutos de grandes blocos econômicos e penetração da língua na internet, em resposta ao liberalismo recente (OLIVEIRA, 2013).

Sob outra visão, neste artigo, a partir de uma perspectiva *bottom-up*, focalizo algumas micropolíticas de inserção e promoção da língua portuguesa em uma comunidade sul-coreana, considerando os papéis agentivos dos sujeitos envolvidos (SPOLSKY, 2004; MCCARTY, 2011; CANAGARAJAH, 2005). Como

* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-7464-021X>>. E-mail: tatigabas@yahoo.com.br.

recorte/desdobramento de minha pesquisa de mestrado¹, busco, mais especificamente, mostrar que o papel da mãe sul-coreana no contexto específico aqui retratado pode estar associado ao de agente não oficial de promoção do português. Minha expectativa é poder contribuir para a compreensão (i) do modo como o local e o global estão mutuamente e multiplamente imbricados na configuração de políticas linguísticas em contextos de mobilidade; e (ii) da estreita relação entre neoliberalismo e política linguística.

Chamo aqui atenção para a produtiva aproximação dos campos da Linguística Aplicada (trans/in) disciplinar (SIGNORINI; CAVALCANTI, 2004; MOITA LOPES, 2006) e da Política Linguística Familiar (KING; FOGLE; LOGAN-TERRY, 2008; SPOLSKY, 2012; KING, 2016) para a compreensão de como agentes não oficiais podem localmente estabelecer políticas linguísticas e de como o português pode ser compreendido de forma situada em diferentes contextos de mobilidade transnacional nos quais estão atravessadas questões de língua(gem). A aproximação dos dois campos pode igualmente contribuir para a compreensão do contexto multilíngue brasileiro recente.

Para tanto, são analisados excertos de entrevistas semiestruturadas realizadas com duas mães pertencentes à comunidade sul-coreana localizada na região Metropolitana de Campinas (RMC). O estudo é de natureza qualitativa-interpretativista, tendo sido os excertos analisados, principalmente, com base no conceito de representação (HALL, 1997) e de gerenciamento linguístico (SPOLSKY, 2009).

Este texto está organizado da seguinte forma: primeiramente, discorro sobre a formação da comunidade sul-coreana a partir da inserção do Brasil no mercado global. Em seguida, historicizo, brevemente, a configuração de mercados e ideologias linguísticas sul-coreanos. Após esse levantamento, descrevo o papel das mães sul-coreanas enquanto gerenciadoras e difusoras linguísticas, para, por fim, analisar ações de promoção do português por elas empreendidas na comunidade em questão.

2 COMUNIDADE SUL-COREANA DA RMC

A projeção da economia brasileira no mercado internacional, no início do século XXI, resultou no aumento do fluxo migratório no país: reconfiguração da migração interna, novos deslocamentos de emigração de brasileiros e entrada de novos contingentes de migrantes para o Brasil (BAENINGER, 2012). Esse processo pode ser compreendido a partir de um quadro geral mais amplo, em que uma nova ordem econômica global impulsionou a circulação de capital e a mobilidade da força de trabalho (SASSEN, 1988), propiciando novas formas de produção e acumulação do capital, o que resultou na redistribuição produtiva, na reestruturação urbana, na retomada dos deslocamentos populacionais e na inserção do português em novos mercados linguísticos.

Com a internacionalização da economia, alguns países emergentes tornaram-se *players* importantes no mercado global, em função do aumento da entrada de capital e de mão de obra, principalmente a partir da década de 1990. É a partir desse período que empresas oriundas de países asiáticos como China, Japão e Coreia do Sul passaram a

¹ Pesquisa conduzida sob orientação da Profa. Dra. Terezinha M. Maher e concluída em 2016.

investir e a instalar suas filiais em novos mercados, como o Brasil. Segundo Ogasavara e Masiero (2013), apoiados em dados da UNCTAD², os fluxos de investimentos asiáticos no país cresceram consideravelmente durante a segunda década dos anos 2000, figurando as empresas japonesas, chinesas e sul-coreanas como principais investidoras no mercado brasileiro.

Em função da redemocratização e do fortalecimento de suas economias no final da década de 1980, Brasil e Coreia do Sul estreitaram suas relações comerciais por meio de cooperações e acordos bilaterais entre seus governos, bem como de parcerias firmadas entre empresas e prefeituras brasileiras (MASIERO, 1998; OGASAVARA; MASIERO, 2013). Em decorrência disso, duas ondas de investimentos trouxeram, para a RMC e Região Administrativa de Campinas (RAC), empresas sul-coreanas transnacionais que passaram a atuar no país de forma ostensiva.

A primeira onda, em meados da década de 1990, resultou na instalação de empresas de eletrônicos e de telefonia, LG e Samsung, nas cidades de Paulínia e Campinas respectivamente. A segunda onda viabilizou a instalação de empresas de outros segmentos, dentre eles a Hyundai, do setor automobilístico, em Piracicaba. Na sequência, outras cidades da RAC receberam empresas sul-coreanas em seus parques industriais, entre as quais destaque: CJ Corps e MS (Piracicaba), Doosan, Duobao e Dabo Precision (Americana), Kwangjin (Sumaré), Mando (Limeira), Saedong (São Pedro) e Shilla (Tietê)³.

Com a concentração de empresas na RMC e na RAC⁴, um significativo grupo de migrantes qualificados sul-coreanos tem sido transferido para o Brasil para ocupar cargos de gerência nas empresas transnacionais. Esses funcionários são transferidos e permanecem geralmente 5 anos no Brasil para posteriormente serem transferidos novamente para filiais na Coreia do Sul ou para outros países. Eles vêm acompanhados de suas famílias, esposas e filhos. Trata-se de, em média, 2 filhos por família, em idade escolar.

Embora o parque industrial esteja espalhado por diferentes cidades da RMC e da RAC, há preferência por estabelecer residência na cidade de Campinas, em função da oferta de escolas internacionais e bilíngues na cidade, nas quais a língua majoritária de instrução é o inglês. O repertório linguístico das famílias da comunidade durante sua residência no Brasil é composto majoritariamente por três línguas: coreano, inglês e português.

A transferência dessas famílias sul-coreanas para o Brasil é impulsionada por um duplo projeto migratório em curso na Coreia do Sul (KIM, 2009; PARK; BAE, 2009; PARK; LO, 2012): a migração de carreira – *jujaewon*⁵ – com a transferência de funcionários para atuar nas filiais de transnacionais sul-coreanas instaladas em diversos

² Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.

³ Há empresas sul-coreanas instaladas em outras regiões do Brasil, como é o caso da Dongkuk e Posco, no município de São Gonçalo, no Ceará, e da Samsung em Manaus, porém não com a mesma concentração e contingente de funcionários sul-coreanos como ocorre na RMC e na RAC.

⁴ Segundo a KOTRA (*Korea Trade-Investment Promotion Agency*), há por volta de 70 empresas sul-coreanas atuando no mercado brasileiro.

⁵ Em coreano: 주재원.

países; a migração estudantil – *jogi yuhak*⁶ – com a mudança de estudantes para outros países, visando ampliar a aprendizagem de línguas, em especial da língua inglesa. Ambos os projetos estão intimamente relacionados com um projeto neoliberal que tem orientado as instâncias econômicas, migratórias, linguísticas e educacionais na Coreia do Sul.

3 NEOLIBERALISMO, MERCADOS E IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS

Diferentemente do fluxo migratório sul-coreano resultante do cenário de pós-guerra no início da década de 1960, a transmigração sul-coreana recente atende a uma agenda neoliberal instituída na Coreia do Sul no final da década de 1990, em que, segundo Park e Abelman (2004), a internacionalização, tanto da economia quanto dos sul-coreanos, é parte de um projeto cosmopolitizador – *cosmopolitan striving*. A migração de funcionários e estudantes tem correspondência com as políticas econômicas adotadas pelo país, fortemente influenciadas pela inter-relação entre ideologias e políticas econômicas e linguísticas que assumem o lugar tanto de produtoras quanto de produtos de outras ideologias e políticas.

Ideologias linguísticas, na esteira do que pontua Woolard (1998), não são construções apenas sobre línguas. Antes de tudo, são representações implícitas e explícitas sobre línguas que refletem quadros sociais mais amplos, uma vez que as línguas são instâncias mediadoras entre indivíduos e instituições, isto é, ideologias linguísticas se referem à relação entre formas sociais e formas de falar, usar e pensar as línguas.

No cenário sul-coreano, as ideologias linguísticas refletem a construção da imagem das línguas, principalmente no que se refere ao valor econômico conferido às línguas que circulam na Coreia do Sul e nas comunidades transnacionais sul-coreanas e a importância dessas línguas para as dinâmicas sociais e migratórias.

Após o período de guerra, no final da década de 1950, com um cenário social e economicamente bastante complexo, a adoção de um sistema educacional universal e público foi o que possibilitou a reconstrução da economia, a democratização do ensino e as altas taxas de escolaridade na Coreia do Sul. Esses investimentos resultaram, já na década de 1990, em um período de grande autonomia e projeção econômica, em que a Coreia do Sul, ao lado de Japão e China, se destacou e fortaleceu o eixo dos chamados Tigres Asiáticos. Porém, em 1997, a estabilidade econômica terminou em uma grave crise econômica, aproximando uma vez mais Coreia do Sul e Estados Unidos, desta vez via importação do modelo neoliberal e promoção da língua inglesa.

Com a neoliberalização da economia e a abertura do mercado coreano para investimentos externos, bem como com a expansão dos investimentos coreanos em outros mercados, o inglês, que já gozava de prestígio no país, teve seu *status* ainda mais consolidado, promovendo a inserção do inglês de forma central na educação, no vestibular e nas universidades (PARK; ABELMANN, 2004). Devido ao modelo neoliberal, o planejamento público para as Políticas Educacionais foi lentamente sendo substituído pelas forças de mercado, transformando a educação igualitária em uma educação competitiva (KIM, 2002), altamente influenciada pelos mercados editorial, de ensino extracurricular e de línguas.

⁶ Em coreano: 저기유학.

Altas taxas de escolaridade e de penetração no ensino superior, que poderiam ser lidas como sucesso, na verdade, têm cada vez mais estabelecido uma lógica de competição que é “ao mesmo tempo um resultado da reestruturação econômica e de uma ideologia que tornou a reestruturação econômica possível” (PILLER; CHO, 2013, p.28). Além disso, por meio da dinâmica entre economia e língua, a ressignificação do inglês, na Coreia do Sul, naturalizou o idioma como a língua global da competitividade, tornando o inglês “um dos principais terrenos onde os coreanos competem. A ilusão da proficiência em inglês como um marcador de distinção ‘real’ e ‘justa’ reforça a ideologia e a prática da competitividade” (PILLER; CHO, 2013, p. 26).

O neoliberalismo, explicitamente, tem na sua agenda um modelo econômico marcado pela ausência de regulamentação e de interferência do Estado, mas, de maneira implícita, utiliza um conjunto de mecanismos de regulação, dentre eles a regulação das línguas. Na Coreia do Sul, “o inglês não é uma questão de escolha individual, mas um imperativo coletivo. Enquanto o imperativo para competir é continuamente propagado como uma responsabilidade individual, não se trata de indivíduos que realmente possam escolher em qual terreno e com qual língua desejam competir” (PILLER; CHO, 2013, p.29). Na leitura das autoras, o inglês se tornou uma via importante para a promoção do neoliberalismo enquanto modelo econômico e identitário: ser fluente em inglês é inserir-se no mundo enquanto sujeito cosmopolita e competidor.

Como resultado desse cenário, o valor simbólico da educação e da língua inglesa superou demasiadamente o seu valor prático, porque a competência linguística se tornou mecanismo de mobilidade ou de manutenção social, operando principalmente como um instrumento de seleção para as melhores universidades sul-coreanas. Em função disso, famílias sul-coreanas passaram a se engajar na migração estudantil temporária sob a crença de que o capital cultural e linguístico é mais eficiente quando obtido no exterior. Tanto a transferência de funcionários, que objetivam ascensão em suas carreiras, quanto a mudança de estudantes, que visam o enriquecimento linguístico e curricular, se referem à possibilidade de melhor se inserirem socialmente, ou seja, estão associadas à lógica da competitividade.

Alguns países já fazem parte da rota da migração estudantil temporária de famílias sul-coreanas de forma mais consolidada, como é o caso dos Estados Unidos, Canadá e Austrália, sobretudo porque se trata de países em que há o predomínio de uso da língua inglesa. Outros países, em menor medida, foram inseridos na rota das transmigrações sul-coreanas nos últimos anos, como China, Singapura e Filipinas (PARK; LO, 2012), e acrescento eu, o Brasil, constituindo-se como novo mercado econômico, mas também linguístico, no qual se torna possível, dentro desse projeto migratório, adicionar outras línguas, além da língua inglesa, ao repertório linguístico da família.

Com o estreitamento entre os mercados brasileiro e sul-coreano, as relações entre política econômica, deslocamento de mão de obra e mercado linguístico oferecem subsídios para compreender como políticas verticais de promoção do português estão sendo estabelecidas. Nesse contexto, percebe-se que políticas macro estão orientadas pela relação entre globalização econômico-financeira e globalização linguística (SIGNORINI, 2013), isto é, por modelos (neo)coloniais de expansão da língua tendo a comoditização linguística como consequência.

Para ilustrar a relação entre globalização econômico-financeira e globalização linguística, aponto aqui algumas ações verticais de políticas de promoção de português no mercado sul-coreano, entre outros: convênios entre universidades sul-coreanas e a Unicamp, principal instituição de ensino superior da RMC⁷; parcerias entre algumas empresas sul-coreanas e a Unicamp⁸; bem como a recente abertura do segundo Posto Aplicador do exame CELPE-BRAS na Universidade de Busan⁹. Meu interesse, porém, recai nas implicações dessa relação para o estabelecimento e na condução de micropolíticas de promoção do português empreendidas por atores sociais.

4 MÃES GERENCIADORAS E DIFUSORAS DE LÍNGUAS

Dado o engajamento profundo de mães sul-coreanas na vida acadêmica dos filhos por meio do gerenciamento educacional e da adoção de estratégias para organizar tanto a vida escolar quanto o repertório linguístico (PARK; ABELMANN, 2004; KIM, 2009; LEE, 2010; PARK, LIM; CHOI, 2015), a função de administradora tende a engajar as mães em diversas redes de contatos em que possam buscar e compartilhar informações e estratégias que visam o sucesso acadêmico. Esse engajamento pode ser entendido como um comportamento informacional – *informational behavior* (PARK, LIM; CHOI, 2015), isto é, uma dinâmica de administração da vida acadêmica com estratégias pautadas por informações, conselhos e decisões de outras mães.

Nas experiências de migração vivenciadas por famílias sul-coreanas, essa função de gerenciamento é ressignificada, uma vez que novas línguas são adicionadas ao repertório linguístico dos filhos, e as mães estão inseridas em novas redes de contato. A partir desse engajamento, mães se tornam gerenciadoras e difusoras de línguas. Em contexto de mobilidade, inevitavelmente, há modificações no repertório linguístico e comunicativo de falantes quando expostos a ambientes bi ou plurilíngues. Porém, gerenciamento linguístico, nos termos de Spolsky (2009), não diz respeito às mudanças decorrentes de exposição. Gerenciamento está relacionado a um esforço, a uma decisão explícita sobre línguas a serem usadas, aprendidas, fortalecidas em um domínio. No domínio familiar, trata-se de “esforços para controlar a língua de outros membros das famílias, especialmente dos filhos, de acordo com a natureza das relações familiares” (SPOLSKY, 2009, p. 14).

A família é um domínio social atravessado por práticas discursivas decorrentes de políticas linguísticas também determinadas localmente, que são controladas, em grande medida, por seu(s) gerenciador(es) e que sofrem influências internas e externas, não sendo, portanto “uma unidade fechada: suas práticas linguísticas e crenças estão abertas à influência dos pares, da escola, do ambiente, e de outros fatores”. (SPOLSKY, 2009, p. 29).

⁷ Informação disponibilizada pela VRERI/UNICAMP, disponível em: <www.internationaloffice.unicamp.br/institucional/lista-de-convenios/> Acesso em: 30 jan. 2016.

⁸ Entre outros, é o caso de informação disponível em: <<http://www.inovacao.unicamp.br/reportagem/samsung-inaugura-laboratorio-de-pesquisa-colaborativa-no-parque-cientifico-e-tecnologico-da-unicamp/>> Acesso em: 26 maio. 2016.

⁹ Informação disponível em: <www.download.inep.gov.br/outras_acoes/celpe_bras/postos_aplicadores/2015/postos_aplicadores_CelpeBras_012015.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.

A figura da mãe-gerenciadora sul-coreana é central na condução dos dois projetos migratórios, o do marido e o do filho, pelo papel que desempenha na organização familiar, em especial na administração do currículo educacional e linguístico dos filhos. A partir de sua figura de autoridade, a mãe, como membro da família, intervém sobre a(s) língua(s) dos filhos, ou seja, estabelece políticas linguísticas familiares (KING; FOGLE; LOGAN-TERRY, 2008; SPOLSKY, 2012) a partir do valor que atribuem às línguas que compõem ou possam vir a compor o repertório linguístico da família. Assim, as representações que as mães têm das línguas do repertório da família, em grande parte atravessadas pelas ideologias linguísticas em circulação na Coreia do Sul e no mercado linguístico global, orientam a tomada de decisões e a organização da(s) língua(s) a serem usadas e estudadas pelos filhos durante e após o período de residência da família no Brasil.

É certo que, por não ser um país de língua inglesa, o Brasil não figura como a primeira opção de destino no rol de países de migração de carreira - dos pais - e estudantil - dos filhos. Porém, a possibilidade de fortalecimento da língua inglesa, em escolas internacionais ou bilíngues, bem como a adição de uma língua latina ao repertório linguístico familiar têm levado algumas mães-gerenciadoras de famílias pertencentes à comunidade a adotarem estratégias bastante pontuais de gerenciamento, promovendo e fortalecendo o português, além das outras línguas do repertório (coreano e inglês).

Partindo desse quadro, amplio aqui a discussão sobre gerenciamento linguístico na comunidade coreana, especialmente no que se refere ao papel de algumas mães como difusoras da língua portuguesa. Mesmo se pautando por políticas neoliberais sul-coreanas, que têm promovido ostensivamente a língua inglesa, algumas mães empreendem de modo ecológico e pontual a desestabilização do papel do inglês, ao tomarem decisões e adotarem estratégias que incluem o português nas políticas linguísticas de suas famílias. Antes da análise, apresento, na próxima seção, o processo de geração dos dados analisados.

5 GERAÇÃO DE DADOS

O estudo aqui apresentado, inserido no campo da Linguística Aplicada, na sua vertente (trans/in) disciplinar, é de natureza qualitativa-interpretativista, com base no que descreve Flick (2009), ou seja, está comprometido em investigar fenômenos de linguagem e sociais que não se pretendem replicáveis, que não buscam determinar relações de causa/efeito automáticas ou prescrever modelos.

Como a pesquisa qualitativa compreende diversas abordagens, adotei, para este trabalho, o que comumente se denomina *Estudo de Caso*, que prevê a descrição dos fenômenos representados a partir da perspectiva dos próprios envolvidos e é amparado pela noção “in situ”, isto é, pela noção de construção social de sentido realizada localmente (SOMEKH; LEWIN, 2005).

Em função do contato prévio, na condição de professora de português para diversas famílias da comunidade sul-coreana, estabeleci critérios para a escolha das mães a participarem do estudo, aquelas que: a) residissem no Brasil há mais de 3 anos (no momento da entrevista); b) promovessem o aprendizado do português no ambiente doméstico; c) tivessem sido meus alunos, seus filhos e elas, durante algum momento do período de residência no Brasil.

Optei por entrevistar¹⁰ apenas as mães e não os pais das famílias, pois, ciente do modelo familiar sul-coreano tradicional, são elas as responsáveis diretas pelo estabelecimento de estratégias de gerenciamento educacional e linguístico a partir do valor que atribuem às línguas. Pautando-me por Park e Abelman (2004), eu optei por focalizar apenas os discursos das mães “porque elas são as gerenciadoras primordiais da educação de seus filhos (p. 647)”.

Foi utilizado como instrumento para a geração de dados a entrevista semiestruturada pautada por um roteiro de perguntas (FLICK, 2009) elaborado com base nos objetivos traçados, no histórico familiar das participantes, bem como nas reflexões suscitadas durante aulas de português ou conversas informais ocorridas anteriormente às entrevistas. As perguntas abertas, de acordo com o que propõe Flick (2009), estimularam as respostas das participantes e possibilitaram adaptações do roteiro no decorrer das entrevistas, o que propiciou mais liberdade e espontaneidade durante o processo.

Inicialmente, foram entrevistadas 5 mães cujas informações mais gerais¹¹ estão sintetizadas no quadro 1:

Quadro 1 – Informações dos participantes

Nome	Número de filhos	Idade dos filhos	Tempo de residência no Brasil (momento da entrevista)	Retorno à Coreia do Sul/ Transferência para outro país
Hyunyoo	1	7 anos	4 anos	Dez/2015
Sunhwa	2	8 e 6 anos	3 anos e 6 meses	Dez/2015
Goeun	1	14 anos	10 anos	Jun/2016
Yoona	2	9 e 6 anos	4 anos	Dez/2015
Minjung	2	15 e 16 anos	3 anos e 6 meses	Jun/2016

Posteriormente, foram selecionadas 2 entrevistas, as de Sunhwa e Yoona, levando em consideração as seguintes variáveis: a faixa etária média dos filhos, o tempo médio de residência no Brasil e o maior engajamento na promoção do português na casa.

Busquei fugir, conforme orientações de Fonseca (1999), de uma interpretação dos dados que considerasse apenas as mães-gerenciadoras enquanto indivíduos, destacadas do seu lugar social, ou apenas como membros da comunidade, desconsiderando o histórico particular da família. Partí, para tanto, de uma abordagem individual e situada, considerando as particularidades no gerenciamento que empreendem sem perder de vista o contexto onde estão inseridas.

Durante a residência no Brasil, as práticas linguísticas das famílias geralmente ocorrem nas três línguas – coreano, inglês e português – nos diferentes domínios sociais nos quais os membros estão inseridos, como escola, igreja, empresa, clubes de lazer, entre outros. Por terem sido minhas alunas de português, as mães entrevistadas sentiram-se mais confortáveis em realizar a entrevista em português.

¹⁰ O projeto de pesquisa passou por avaliação do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), tendo sido aprovado sob o protocolo de número CAAE: 38518314.5.0000.5404.

¹¹ Os nomes das participantes, bem como outras informações pessoais que pudessem identificá-las, foram substituídos de modo a preservar suas identidades.

As entrevistas foram realizadas individualmente entre abril e junho de 2015, e transcritas com base nas convenções do quadro 2:

Quadro 2 – Convenções utilizadas nas transcrições de registros

<i>Convenção</i>	<i>Significado</i>
...	pausa de mais de 02 segundos
P.	Pesquisadora
éh, ah, ãh	pausa preenchida ou hesitação
(...)	supressão de trecho da fala
((xxx))	descrição de atividade não vocal
[xxx]	adequação realizada pelo pesquisador
MAIÚSCULAS	entoação enfática
“ ”	discurso direto
Itálico	termo(s) em outra língua português

Estou ciente de que as decisões sobre as transcrições que utilizo podem ter impacto sobre o modo como as imagens das participantes e de seus usos linguísticos são avaliados pelos leitores. Amparada na discussão de Cavalcanti (2006), compreendo que o trabalho de transcrição de áudios, bem como o de apresentação dessas transcrições, deve ser desnaturalizado pelo pesquisador, ou seja, além dos conceitos teóricos mobilizados, os conceitos e procedimentos metodológicos adotados durante o desenvolvimento de um estudo devem ser entendidos como processos que não são neutros e que necessitam de constante reflexão e questionamentos por parte do pesquisador.

Assim, em conformidade com os conceitos que me acompanham na análise, optei por não “corrigir” ou “higienizar” suas falas, de modo que não são omitidas marcas da língua coreana nos trechos transcritos. Em algumas passagens da transcrição, porém, são inseridas palavras entre colchetes que visam facilitar a compreensão de leitores que não estejam familiarizados com o português das participantes.

Reconheço, apoiada na discussão de Busch (2015), que as marcas do coreano no português sejam bagagens linguísticas que as mães carregam e que evidenciam sua trajetória em contexto de mobilidade, demonstrando como “falantes participam de diferentes espaços que são socialmente e linguisticamente constituídos de diferentes formas.” (BUSCH, 2015, p. 4)

6 AÇÕES MICROPOLÍTICAS DE EXPANSÃO DO PORTUGUÊS

Para compreender de que maneira as mães transmigrantes entrevistadas gerenciam a língua portuguesa no domínio familiar e como, a depender da representação que constroem da língua portuguesa, se tornam agentes locais de promoção do português para famílias da comunidade a que pertencem, me amparei no conceito de representação de Hall (1997), isto é, na premissa de que o sentido atribuído a objetos, pessoas, eventos ou línguas não é um processo automático ou essencializado, e sim construído pelas pessoas de forma interacional e situacional a partir de suas experiências e das relações de poder

que regulam suas vivências. Para Hall (1997, p. 19), representação é a produção de significados e conceitos por meio da língua(gem), em que um conjunto de relações abstratas compartilhadas pelos sujeitos produzem significados a partir de um processo discursivo.

Nesse sentido, o conceito de representação colaborou especificamente para analisar como mães representam a língua portuguesa, atribuindo-lhe valor, e como, a partir dessas representações, gerenciam as línguas que compõem o repertório linguístico de seus filhos, em específico, o português. Para tanto, na transcrição dos excertos das entrevistas, destaco, em negrito, escolhas linguísticas que entendo como pistas discursivas da representação que as mães têm acerca das línguas do repertório da família.

Aponto assim três ações micropolíticas de difusão do português: (i) estratégias de gerenciamento familiar do português, (ii) promoção do português para outras famílias da comunidade e (iii) ressignificação do português ao longo da trajetória migratória.

Conforme define Spolsky (2009, p. 4), gerenciamento linguístico se refere a esforços para modificar práticas, crenças ou línguas a serem adicionadas a um contexto. No contexto familiar, trata-se de decisões explícitas de intervenção que visam fortalecer ou adicionar uma língua ao repertório linguístico dos filhos.

A primeira das três ações micropolíticas está relacionada às estratégias de investimento utilizadas pelas mães para favorecer o aprendizado do português pelos filhos. Embora esteja focalizando ações micropolíticas de difusão do português, coerentemente com as discussões de Busch (2012) e Rymes (2014) acerca de repertório linguístico e comunicativo, entendo que decisões sobre línguas sejam tomadas de modo não isolado, ou seja, nesse ambiente plurilíngue decorrente de um contexto migratório orientado pelo e para o fortalecimento linguístico, as mães-gerenciadoras estão muito cientes de que decisões em favor de uma língua afetam outras línguas do repertório.

Spolsky (2009, 2012) define dois tipos de gerenciamento linguístico: o gerenciamento simples, em que um sujeito toma decisões ou gerencia línguas para si, e outro, o gerenciamento organizado, em que um membro de um domínio, a partir de sua condição de autoridade, intervém sobre línguas de outro membro. Nos excertos que seguem, focalizo duas estratégias descritas por Spolsky com relação ao gerenciamento linguístico organizado: controle do ambiente linguístico e socialização linguística.

No domínio familiar, principalmente em contexto de migração, as estratégias usadas pelos pais de modo a administrarem seu próprio repertório linguístico, podem oferecer pistas também sobre as estratégias adotadas para os filhos, como é o caso de Sunhwa, ao narrar suas decisões:

Sunhwa.: Ah, outra coreana, eu ajuda, pediu comida [eu ajudo a pedir comida], eu ajuda. Outra coreana [fala] “Ah, você [é] melhor, você [fala] melhor português, porquê?” “Ah eu estuda muito português”, (...) **eu assisti filme, eu leio, eu estuda** mais, **mas outros, novo coreano, novo coreano, não é encontra brasileiras, não é assistiu filme, assistiu TV**, tudo não pode falar com vendedor. **Eu falo, melhor ideia** é, muitas vezes encontra brasileiros, muitas vezes viajar, é, melhor, muito melhor é melhor amiga só brasileira.

Observo, sobretudo nos trechos destacados em negrito, estratégias pontuais de gerenciamento que a mãe utiliza para si – **“eu assisti filme, eu leio, eu estuda”** - demonstram o alto investimento na língua portuguesa. A idade dos filhos contribui para a decisão de uma mãe aprender ou não o português. Geralmente, quando possuem filhos pré-adolescentes ou adolescentes, as mães tendem a não aprender o português, porque têm a possibilidade de contar com os filhos como seus tradutores. No caso de Sunhwa, o fato de ter estudado português durante boa parte do seu período de residência no país tem relação com a idade dos filhos quando chegaram ao Brasil.

Chamo atenção para o fato de que o comportamento informacional, recorrente entre mães sul-coreanas, não só diz respeito ao compartilhamento de informações através de redes de contato, mas também ao modo como as mães avaliam suas decisões – **“Eu falo, melhor ideia”** - sempre com referência ao comportamento de outras mães, de outros migrantes – **“mas outros, novo coreano, novo coreano, não”**. O indício forte do *status* positivo que atribuí ao português, ainda que não seja o mesmo *status* atribuído por outras mães – **“não é encontra brasileiras, não é assistiu filme, assistiu TV”** –, demonstra que o investimento no português não é uma decisão unânime e majoritária na comunidade, em função da presença muito forte das ideologias linguísticas sul-coreanas em favor da língua inglesa. Estudos como o de Park e Bae (2009) igualmente demonstram que nem sempre famílias de migrantes sul-coreanos investem em línguas locais, concentrando seus esforços apenas na língua inglesa, e esse quadro não difere do contexto brasileiro.

O investimento de Sunhwa reflete diretamente na maneira como gerencia o português para os filhos e como o gerenciamento é organizado por ela de forma sistemática:

P.: Todo dia [filhos] lê livro?

Sunhwa: **Quase trinta minutos**, pouco, mas depois 15 minutos. **Sábado e domingo, uma hora lê livro português.**

O estabelecimento de rotinas muito específicas, durante a semana – **“Quase trinta minutos”** - e no fim de semana - **“Sábado e domingo, uma hora lê livro português”**-, demonstram haver na família forte controle do ambiente linguístico e estratégias pontuais sobre escolhas linguísticas, isto é, qual língua a ser usada para cada atividade. A decisão sobre a leitura em língua portuguesa de forma sistematizada está relacionada ao que os pais acreditam ser uma boa estratégia de fortalecimento linguístico.

Outra estratégia de controle do ambiente linguístico é a inserção do português em práticas que já são hábitos familiares, no caso da família de Sunhwa, o de assistir filmes. Aqui, a mãe-gerenciadora relata que essa atividade é realizada somente em português, conforme destaque nos trechos em negrito:

S.: (...) mas assistiu filme, **só português.**

P.: Mas quando assiste os outros filmes, daí **em português?**

S.: **Só português.**

P.: *Hot Wheels*, Carros...

S.: Agora *Sponge Bob*, Cinderela, hum...Meu Malvado...

P.: Eles gostam muito, né?

Além do controle do ambiente linguístico, especialmente no que se refere à adoção de estratégias pontuais de uso linguístico para determinadas atividades, a socialização linguística é um método importante, e, apesar de explícito, não envolve uma instrução tão clara como no caso de rotinas de leitura, por exemplo:

P.: Sempre conversa...

Sunhwa: É sempre conversa, porque sábado, domingo de manhã meus filhos [andam de] bicicleta, bicicleta só pouco tempo, só condomínio, os amigos [perguntam] “Donghee, Mijin, você quer futebol?” “Ok, vamos”. *So*, uma hora, uma e meia, futebol, pega-pega, **mas jogando, aprender, escutar mais português, crianças muito rápido é lembro, escuta muito.**

O investimento em atividades esportivas e brincadeiras com outras crianças do condomínio é uma estratégia adotada com vistas à socialização linguística, objetivando assim, o aprendizado e o fortalecimento da língua portuguesa - **mas jogando, aprender, escutar mais português, crianças muito rápido para lembro, escuta muito.** A noção de socialização linguística se refere à integração com o grupo cuja língua desejada é mais falada entre os membros. Em alguns casos, essa estratégia é mais importante do que as decisões sobre línguas tomadas no ambiente doméstico, e pode ser compreendida como um indício forte das políticas linguísticas estabelecidas pelas famílias.

Outra decisão que visa a socialização linguística é a escolha da escola com base na língua majoritária de instrução. Embora Sunhwa tenha adotado estratégias pontuais visando o aprendizado da língua portuguesa no ambiente doméstico, a mudança da escola brasileira para a escola internacional oferece pistas para compreender o papel do inglês para a família. Essa mudança é justificada tanto por Sunhwa:

S. Na [escola] brasileira, 2 anos e seis meses, **na internacional agora [faz] 1 ano.**

P. E por que que eles foram para escola internacional?

S. ((suspira)) Minha família depois, hum, depois não mora [mais] no Brasil, **volta na Coreia, e na Coreia, precisa estudar inglês**, então agora troca. É, mas se mora muito tempo ((risos)) eu acho que não troca escola.

quanto por Yoona:

U. Sim, elas estudavam escola brasileira, né, então, ah...aquele momento eu nunca sabia qual escola é bom ou não, então minha amiga recomendou aquele escola, então minhas filhas estudavam aquele escola.

P. E depois?

U. E depois minha filha mais velha **mudou escola internacional.**

Em ambos os casos, as mães optaram pela matrícula dos filhos em uma escola brasileira no início da residência, decisão que destoa da grande maioria das famílias da comunidade, porém, após algum período, as mães acabam por transferir seus filhos para escola internacional – **“na internacional agora ((faz)) 1 ano”** e **“mudou escola internacional”**. A mudança de instituição objetivou o aprendizado do inglês de forma mais efetiva, em função do retorno à Coreia do Sul, e da necessidade de estudo da língua – **“volta na Coreia, e na Coreia, precisa estudar inglês”**.

A segunda ação micropolítica de difusão do português está relacionada à lógica do comportamento informacional (PARK; LIM; CHOI, 2015), isto é, às práticas das mães da comunidade de compartilharem, a partir de uma rede, informações educacionais que visem o fortalecimento do repertório linguístico e curricular dos filhos. Essa rede de compartilhamento de informações não só informa ou atualiza outras mães, como as influencia e oferece pistas das ideologias linguísticas em circulação. Em função disso, a rede pode ter muito peso para o modo como as mães gerenciam o repertório linguístico dos filhos.

Vale lembrar que a comunidade sul-coreana da RMC possui alta rotatividade de famílias que se mudam para o Brasil ou retornam para a Coreia em períodos diferentes. Assim, tanto a rede quanto as informações nela compartilhadas se alteram e envolvem diferentes arranjos de escalas espaço-temporais que tangem políticas linguísticas, educacionais e de identidade. No contexto de migração sul-coreana, as múltiplas escalas de tempo e espaço organizam a experiência de mobilidade e o aprendizado de línguas (PARK; LO, 2012): o tempo de permanência, o momento certo para o retorno, as macro-escalas históricas que orientam a globalização sul-coreana, além dos mercados linguísticos, espaços geográficos e sociais, pelos e para os quais as famílias sul-coreanas se orientam.

Park, Lim e Choi (2015) apontam o uso de filtros locais, de grupo e baseados nos filhos com intuito de buscar, compartilhar e gerenciar informações acadêmicas que circulam nas redes de contato. Conforme descrito pelas autoras, na Coreia do Sul, essas redes de compartilhamento de informações são formadas nos locais de trabalho, na escola, na família, entre outros.

Em contexto de migração, outras configurações sociais orientam o estabelecimento da rede de contatos. A comunidade sul-coreana da RMC tem uma rede de socialização e de solidariedade muito intensa¹², que está organizada predominantemente em função dos cargos e departamentos que os maridos ocupam. Mães mais antigas na comunidade, pela sua experiência e autoridade, habitualmente orientam outras famílias recém-chegadas para ajudá-las com diversas situações domésticas, de adaptação, mas também são figuras importantes para orientar decisões a respeito das escolhas educacionais e linguísticas.

Geralmente, um filtro muito utilizado e efetivo é o filtro baseado no desempenho do filho, ou seja, se uma mãe compartilha uma estratégia que obteve bons resultados, essa estratégia é avaliada por outras mães como eficaz. Estendendo para o contexto brasileiro, o filtro está baseado não só no desempenho do filho, mas também no desempenho da mãe em situações nas quais elas compartilham as estratégias que adotaram para si com relação ao aprendizado de português. A esse respeito, Yoona, principalmente nas partes destacadas, demonstra que é ciente do seu *status* de confiabilidade e frequentemente compartilha estratégias que adotou para si e para os filhos:

¹² Nem sempre a rede é marcada apenas por solidariedade. Negociações no compartilhamento de informações podem indicar interações conflituosas, demonstrando haver diferentes ideologias e crenças em disputa.

Yoona.: **Sempre eu recomendo, às vezes elas veem meu português**, ah, elas acham que “eu também tem que estudar português”, **isso é muito bom**. Então, sim...eu tenho que estudar mais para estimular para elas.

O engajamento das mães nessa rede de informações, conselhos e reprodução de estratégias não está relacionado apenas ao que elas reproduzem discursivamente – **“Sempre eu recomendo”** -, mas também ao valor que elas atribuem a uma estratégia que teve êxito - **“às vezes elas veem meu português”**. Na condição de mãe-gerenciadora, Yoona também é uma difusora do português na comunidade, orientada pelo *status* positivo que atribui à língua e ao modo como entende ser importante que outras mães também invistam na língua - **“isso é muito bom”**.

Em outros dois trechos, a mãe reforça seu engajamento:

Yoona: Então, **eu quero falar para outros coreanos** também, em primeiro, tira medo ((risos)) aproxima brasileiros, e tenta falar português mais, e isso é muito importante, pros filhos também, sim...e depois fazer amizade com brasileiros, e, é muito bom, ajuda.

[...]

Yoona: Quando outra coreano chega aqui, se ela tem filhos **eu recomendo forte**, **“ah você tem que estudar português”**, porque ela tem que levar filhos ao médico, acho ela tem que resolver muitos problemas sozinha, **então eu recomendo sempre**, e...ah, uh, a mãe que tem filho maior de idade, acho que não tem problema, filhos, eh, filhos sabem falar português ou inglês, acho que eles ajudam mamãe, **mas mamãe que tem filho mais novo, mais pequeno, acho que elas tem que estudar português para viver aqui**, então **eu recomendo**, mas muitas mães têm MEDO de estudar português, eh, acho que elas acham que é totalmente diferente língua. Muitas coreanas sabem falar inglês, se elas estudam pouco mais, acho que elas concordam que português é um pouco parecido com o inglês. Acho que no início elas tem medo de português então acho que estuda só um pouquinho e depois desistiu, muitas pessoas desiste.

Engajadas nessa rede, as mães figuram como orientadoras linguísticas de outras famílias – **“eu quero falar para outros coreanos”** e **“eu recomendo forte”**- tornando-se agentes muito influentes na promoção de línguas na comunidade, quer para os filhos quer para outras mães – **“mas mamãe que tem filho mais novo, mais pequeno, acho que elas tem que estudar português para viver aqui”**.

A terceira ação micropolítica de expansão do português se refere ao processo de ressignificação da língua ao longo da trajetória migratória da família no Brasil, uma ressignificação que parece objetivar a garantia de um lugar para o português no repertório linguístico da família mesmo no período pós-residência no país. Se a migração é uma resposta à intensa competitividade e à globalização, um processo no qual estão imbricadas diversas questões de língua(gem) e múltiplas escalas, o valor atribuído às línguas do repertório não é uniforme, pois está relacionado às camadas temporais e espaciais que regulam a trajetória de migração.

Ao longo do período de transplantação, a representação do valor que as mães atribuem ao português se modifica. A língua é ressignificada a depender do estágio da migração e da composição da família, principalmente no que se refere à idade dos filhos. Em famílias em que o português é valorado positivamente, a exemplo das famílias da Sunhwa e Yoona, nos primeiros anos, o fortalecimento do português está relacionado à

importância que atribuem ao aprendizado da língua, à convivência com brasileiros e adaptação no Brasil, entre outros. Porém ao final do período de residência, as mães-gerenciadoras passam a valorar a língua com vistas a sua sobrevivência no retorno para a Coreia ou na reemigração para outros países.

Na condição de gerenciadoras linguísticas de seus filhos, as mães coreanas não deixam de se alinhar às ideologias linguísticas em operação na Coreia do Sul, uma vez que são elas que orientam o processo migratório, as políticas linguísticas nacionais e direcionam o sucesso acadêmico dos estudantes. Nesse sentido, a escolha da escola é um exemplo desse alinhamento, no entanto, apesar de compreenderem a posição inferior que o português ocupa nesse jogo hierárquico, as mães buscam modos de incluir ecologicamente a língua portuguesa, ainda que essas decisões compitam com as decisões em favor do inglês, a partir de seu valor nas políticas linguísticas locais e globalmente estabelecidas.

As representações atribuídas ao português estão em constante diálogo (afirmando ou confrontando) com as ideologias linguísticas em circulação na Coreia do Sul. Em função disso, as mães-gerenciadoras estão cientes de que o fortalecimento do português na família é uma atitude que destoa do investimento que predomina na Coreia do Sul com relação a línguas de maior capital linguístico:

Yoona: Então na Coreia também, ah...**todo mundo quer falar inglês e chinês** e outra língua também, então português é ainda não popular e famoso, mas acho que no FUTURO o português também fica mais popular e famoso, e éh, hum... **é fácil aprender espanhol, né?, se eu fala português bem**. Então acho que é imporTANte. Então acho que é imporTANte. Eh...**e meu filho e eu tem interesse em português, então é muito divertido**. Isso é muito importante né? ((risos)) muito divertida e...é bom.

Na dinâmica da ecologia das línguas, as mães-gerenciadoras criam modos agentivos que, de alguma medida, desestabilizam verticalizações linguísticas orientadas por noções neoliberais. É certo que a promoção do português está orientada pelo valor, inclusive futuro, que a língua adiciona ao repertório da família – **“é fácil aprender espanhol, né?, se eu fala português bem”**. Porém concordo com Haugen (1981 apud MAHER, 2008) quando este descreve o caráter competitivo das línguas em um mercado linguístico. Nesse sentido, no contexto da comunidade, investir no português pode, para algumas famílias, significar reduzir os investimentos no inglês.

Em razão disso, entendo como dinâmica ecológica o fato de Yoona e Sunhwa adotarem formas para acomodar o português sem colocar em risco a desejada alta competência em língua inglesa, uma vez que estão cientes principalmente da representação do inglês na Coreia do Sul – **“todo mundo quer falar inglês e chinês”**. Como Maher (2011), compreendo que as decisões sobre línguas devem ser analisadas a partir da relação de co-dependência “tendo em mente a relação ecológica, já que cada língua não deve ser considerada uma entidade separada, ignorando-se, assim, a interação que necessariamente ocorre entre as línguas do repertório verbal” (p.10).

Assim, parece haver uma predisposição à continuidade do português:

Sunhwa: **Eu não quero esquecer português.**

P.: Por que Sunhwa?

Sunhwa: **Eu gosta de português, eu não quero esquecer português**, porque português parece *Spanish* e **eu quero depois [que] vai voltar na Coreia, elas estudar *Spanish*, português ajuda *Spanish*.**

Assim como muitas mães da comunidade, Sunhwa e Hyunwoo igualmente demonstram interesse no aprendizado futuro do espanhol. Porém, o fato de valorem positivamente o português - **“meu filho e eu tem interesse em português, então é muito divertido”** e **“Eu gosta de português, eu não quero esquecer português”** – parece funcionar como uma estratégia para incluir a língua portuguesa nos planos futuros da família ao associá-la ao espanhol – **“é fácil aprender espanhol, né?”** e **“eu quero depois vai voltar na Coreia, elas estudar Spanish”** - que goza de maior prestígio na Coreia do Sul.

A associação do português ao espanhol pode ser entendida como a materialização de uma ideologia linguística macro (o status atribuído ao espanhol na Coreia do Sul) atravessada por uma ideologia micro (representação positiva que a mãe tem do português), demonstrando como diferentes camadas estão em funcionamento no gerenciamento linguístico empreendido por famílias transnacionais.

As mães demonstram ser conscientes das diferenças de valor e capital linguístico e, ainda que estejam sujeitas às ideologias linguísticas neoliberais, conseguem reconhecer essas diferenças e explorá-las, como, por exemplo, associando línguas já presentes no repertório da família a futuras línguas. Na esteira do que sublinham Park e Lo (2012), é importante destacar o papel agente dos transmigrantes sul-coreanos, que os motiva a “atravessar e circular pelas fronteiras dos mercados linguísticos e a entender como essas estratégias transnacionais estão altamente entrelaçadas e contribuem para as relações de classe e de poder” (p.155).

As estratégias de gerenciamento adotadas pelas duas mães aqui focalizadas, de forma singular, em favor da língua portuguesa, se articulam a outras estratégias, por exemplo, aquelas que favorecem o aprendizado da língua inglesa em escolas não-brasileiras (e conseqüente obtenção do currículo internacional) e de outras línguas futuras, como o espanhol. Ainda que as ideologias econômicas e linguísticas sul-coreanas definam uma trajetória migratória e de aprendizado de línguas bastante previsível, as ações micropolíticas apresentadas demonstram que Hyunwoo e Sunhwa encontram formas particulares de garantirem a aquisição de capital linguístico para os filhos sem deixar de ter uma experiência migratória, em alguma medida, mais autônoma. Cientes das ideologias econômicas e linguísticas elas gerenciam as línguas nos mercados por onde circulam.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurei demonstrar que, em contextos transnacionais, políticas de promoção do português brasileiro podem ser estabelecidas por agentes não-oficiais. Para tanto, focalizei três ações micropolíticas de promoção do português empreendidas por duas mães sul-coreanas: estratégias de gerenciamento do português na família, promoção do português na comunidade e ressignificação do valor do português.

Ainda que as ideologias linguísticas afinadas com os discursos neoliberais estejam presentes de forma muito intensa em diferentes domínios macro e micro da comunidade/sociedade sul-coreana, no contexto de relações Brasil-Coreia, ações micropolíticas de mães-gerenciadoras são exemplos agentivos do modo como personagens locais podem reconfigurar ideologias em circulação em diferentes mercados linguísticos de modo a incluir uma língua de forma mais efetiva no planejamento linguístico da família.

Não perco de vista o fato de que muito provavelmente o português só tenha lugar nos projetos linguísticos da família em função do seu valor simbólico enquanto capital linguístico. Em outras palavras, entendo que as mães também encontram maneiras ecológicas e estratégias de incluir o português, cientes de se tratar de uma língua que goza de capital linguístico e que tem potencial de crescimento na Coreia do Sul. Além disso, soma-se a esse entendimento a ideia de que o português seja uma língua que funcione como porta de entrada para outras línguas latinas, em especial, o espanhol, cujo *status* na Coreia do Sul tem crescido nos últimos anos.

Concluo essa reflexão, insistindo na necessidade de trabalhos que tematizem Políticas Linguísticas empreendidas localmente e por agentes não-oficiais para conseguirmos compreender melhor as conexões entre macro e micropolíticas de línguas, principalmente em contextos de mobilidade. Nesse sentido, importa identificar as relações entre a expansão do português no mercado linguístico global e a inserção do Brasil na rota dos fluxos migratórios internacionais, bem como entender, a partir da conexão macro e micro, como ideologias linguísticas se materializam em práticas de gerenciamento linguístico.

REFERÊNCIAS

- BAENINGER, R. *Fases e faces da migração em São Paulo*. Campinas: Nepo/Unicamp, 2012. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/_faces_migracao.php>. Acesso em: 29 set. 2017.
- BUSCH, B. The linguistic repertoire revisited. *Applied linguistics*, v. 33, n. 5, p. 503-523, jul./dez. 2012.
- _____. Linguistic repertoire and *Spracherleben*, the lived experience of language. *Working Papers in Urban Languages and Literacies*, 148. London: King's College London, 2015.
- CANAGARAJAH, A. S. *Reclaiming the Local in Language Policy and Practice*. New Jersey: Lawrence Earbaum, 2005.
- CAVALCANTI, M. C. *Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas*. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada Interdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 233-252.
- DA COSTA CARVALHO, S.; SCHLATTER, M. Ações de difusão internacional da língua portuguesa. *Cadernos do IL*, n. 42, p. 260-284, jan./jun. 2011.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso. *Revista Brasileira de Educação*, v. 10, p. 58-78, 1999.
- HALL, S. The Work of Representation. In: _____ (Org.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Thousand Oaks/New Deli: Sage/Open University, 1997. p. 2-73.
- KIM, G. Education policies and reform in South Korea. In: BREGMAN, J.; STALLMEISTER, S. (Org.). *Secondary education In Africa: strategies for renewal*. Washington, DC: Human Development Sector Africa Region, v. 15, p. 29-39, 2002.
- KIM, K. Change and challenge of Korean family in the era of globalization: Centering transnational families. *Journal of Ritsumeikan Social Sciences and Humanities*, v. 1, p. 167-187, 2009.

- KING, K. A. Language policy, multilingual encounters, and transnational families. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 37, n. 7, p. 726-733, mar. 2016.
- KING, K. A.; FOGLE, L.; LOGAN- TERRY, A. Family language policy. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 907-922, abr. 2008.
- LEE, H. "I am a Kirogi mother": Education exodus and life transformation among Korean transnational women. *Journal of Language, Identity and Education*, v. 9, n. 4, p. 250-264, ago. 2010.
- MAHER, T. M. Em busca de conforto linguístico e metodológico no Acre indígena. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 47, n.2, p. 409-428, ago./dez. 2008.
- _____. De língua vilã, à língua emprestada, à língua aliada: representações acerca da Língua Portuguesa em discursos sobre Políticas Linguísticas no Acre indígena. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (COLAB). 11., 2011, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2011. p. 1-13.
- MASIERO, G. Empresas coreanas no Brasil: dificuldades e impactos da crise asiática. *Korean Journal of Latin American Studies*, v. 11, n. 1, p. 121-154, 1998.
- MCCARTY, T. Entry into Conversation: introducing ethnography and language policy. In: _____ (Org.). *Ethnography and Language Policy*. New York: Routledge, 2011. p. 2-28.
- MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____ (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 13-43.
- OGASAVARA, M. H.; MASIERO, G. Internationalization os Asian companies in Brazil: factors and motivations. *International Journal of Management*, v. 30, n. 3, p.149-165, 2013.
- OLIVEIRA, G. M. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 52, n. 2, p. 409-433, 2013.
- PARK, J. S.; ABELMANN, N. Class and cosmopolitan striving: Mother's management of English education in South Korea. *Anthropological Quarterly*, v. 77, n. 4, p. 645-672, 2004.
- PARK, J. S.; BAE, S. Language ideologies in educational migration: Korean jogi yuhak families in Singapore. *Linguistics and Education*, v. 20, n. 4, p. 366-377, 2009.
- PARK, J. S.; LO, A. Transnational South Korea as a site for a sociolinguistics of globalization: Markets, timescales, neoliberalism. *Journal of Sociolinguistics*, v. 16, n. 2, p. 132-148, 2012.
- PARK, S.; LIM, H.; CHOI, H. Gangnam Mom: A Qualitative Study on the Information Behaviors of Korean Helicopter Mothers. iConference 2015, *Proceedings*, 2015.
- PILLER, I.; CHO, J. Neoliberalism as language policy. *Language in Society*, v. 42, n.1, p. 23-44, 2013.
- RYMES, B. Communicative repertoire. In: B. STREET; C. LEUNG (Org.). *Routledge companion to English language studies*. New York, NY and London, England: Routedge, 2014. p. 287-301.
- SASSEN, S. *The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.) *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SIGNORINI, I. Política, língua portuguesa e globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *O Português no Século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 74-100.
- SOMEKH, B; LEWIN, C. *Research Methods in the Social Sciences*. London: SAGE Publications, 2005.
- SPOLSKY, B. *Language policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____. *Language management*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- _____. Family language policy—the critical domain. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 33, n. 1, p. 3-11, 2012.
- WOOLARD, K. A. Introduction: Language ideology as a field of inquiry. In: SHIEFFELIN, B. B.; WOOLARD, K. A.; KROSKRITY, P. V. (Org.) *Language ideologies: Practice and theory*. New York: Oxford Press, 1998. p. 3- 51.
- ZOPPI FONTANA, M. G. *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas (SP): RG Editora, 2009.

Recebido em: 06/07/18. Aprovado em: 30/09/18.

Title: *Micropolicies of portuguese spread: Mothers as language managers and promoters*

Author: *Tatiana Martins Gabas*

Abstract: *The presence of Brazil in international migration flows has consolidated Brazilian Portuguese as a transnational language. Traditionally, the spread of Portuguese is discussed regarding macro policies of language dissemination (ZOPPI-FONTANA, 2009; DA COSTA CARVALHO; SCHLATTER, 2011; OLIVEIRA, 2013, among others). From other perspective, the aim of this paper is to discuss micro policies of Brazilian Portuguese promotion established by transnational South-Korean families, i.e. non-official policy makers. For this purpose, excerpts of interviews held with two mothers from a South-Korean community located in Campinas Metropolitan Area are analyzed from a qualitative interpretation approach on the field of Applied Linguistics. The data were analyzed based on the notions of representation (HALL, 1997) and language management (SPOLSKY, 2009). The analysis demonstrated that manager-mothers seek ecological ways of unsettle English language ideologies in order to consolidate Portuguese in the family language policies.*

Keywords: *Transnational migration. Portuguese. Language management. Language policy. Family.*

Título: *Micropolíticas de expansión del Portugués: madres gerenciadoras y difusoras de lenguas*

Autora: *Tatiana Martins Gabas*

Resumen: *La inserción de Brasil en la ruta de las migraciones internacionales hay consolidado el portugués brasileño como lengua transnacional. Tradicionalmente se tiene discutido la expansión del portugués con relación a las acciones macro de políticas lingüísticas (ZOPPI-FONTANA, 2009; DA COSTA CARVALHO; SCHLATTER, 2011; OLIVEIRA, 2013, entre otros). Bajo otra perspectiva, este artículo busca, apoyado por los preceptos de la Lingüística Aplicada (trans/in) disciplinar, discutir acciones micro-políticas de promoción del portugués brasileño establecidas por agentes no oficiales: familias sur-coreanas transnacionales. Para ello, son analizados extractos de entrevistas semiestructuradas realizadas con dos madres pertenecientes a la comunidad sur-coreana localizada en la Región Metropolitana de Campinas. El estudio es de naturaleza cualitativo-interpretativa, teniendo analizado los dos extractos, principalmente, con base en el concepto de representación (HALL, 1997) y de gerenciamiento lingüístico (SPOLSKY, 2009). Los datos analizados demuestran que las madres-gerentes buscan maneras ecológicas de desestabilizar la jerarquía de la lengua inglesa, de manera a fortalecer el portugués en las políticas lingüísticas familiares.*

Palabras clave: *Migración transnacional. Portugués. Gerenciamiento lingüístico. Política lingüística. Familia.*

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.